

Humor impresso: cultura e política em *O Espreitador do Mundo Novo*

Paper submitted to the Pedro Hispano Lisbon Graduate Conference 2nd edition –
September 13 and 16, 2013

João Pedro Rosa Ferreira

PhD Student, História e Teoria das Ideias, FCSH/Nova

Keywords: humour, culture, politics, press.

Introdução

Esta comunicação tem por objectivo identificar, analisar e problematizar as manifestações de humor no periódico *O Espreitador do Mundo Novo*, editado por José Daniel Rodrigues da Costa, em Lisboa, em 1802. Integra-se no projecto de tese intitulado “Castigar a rir. O humor na imprensa periódica portuguesa 1797-1834”, no âmbito do curso de doutoramento em História e Teoria das Ideias da FCSH/Nova.

Nesta investigação interdisciplinar considera-se o humor como um fenómeno cultural e social¹, nas suas diferentes acepções – incluindo o cómico, o ridículo, a sátira, o dito jocosos, o gracejo, o dito espirituoso ou a ironia –, veiculado com recurso a diversas figuras de estilo². Procura-se elencar os temas tratados pelo periódico, despistar os seus alvos, designadamente os estereótipos sociais, profissionais, etários e de género, e reconhecer posições ideológicas e políticas. Além disso, integra-se o humor do *Espreitador* na construção da esfera pública em Portugal no início do século XIX, patente nos cenários escolhidos para as narrativas - praças, cafés, feiras, casas, cadeias, igrejas, passeios, romarias, touradas, assembleias (festas particulares), ópera -, outros tantos espaços de sociabilidade e de socialização. Neste, como em outros periódicos da época, o humor impresso situa-se no cruzamento da cultura e da política, em espaços que se alargavam com a participação dos leitores.

1. O autor

José Daniel Rodrigues da Costa (1755, 1756 ou 1757-1832)³, nasceu no lugar de Bouças, freguesia de Colmeias, Leiria e morreu em Lisboa. Órfão e de origem humilde, foi criado por "umas senhoras caridosas" que lhe proporcionaram apenas uma educação

¹ Ver Henri Bergson, *O Riso* (Lisboa: Relógio D'Água, 1991 [1900]), 17-18; Sigmund Freud, *Le Mot d'Esprit et sa Relation à l'Inconscient* (Paris: Gallimard, 2005 [1905]), 266; Jacques Le Goff, “Une Enquête sur le Rire”, *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 52/ 3 (1997): 449-455; Sírio Possenti, *Os Humores da Língua* (Campinas: Mercado das Letras, 1998), 25-40 e 109-124; Abel Barros Baptista, *Ensaio Facetos* (Lisboa: Cotovia, 2004), 13-20; Alain Deligne, “De que maneira o riso pode ser considerado subversivo?” in *Imprensa, Humor e Caricatura*, org. Isabel Lustosa (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011), 32-43.

² João Pinharanda et al., “Riso: modos de usar”, in *Riso*, coord. Nuno Crespo, Catálogo da Exposição realizada no Museu da Electricidade entre 19 de Outubro de 2012 e 17 de Março de 2013 (Lisboa: Tinta da China, 2012), 41.

³ Maria Isabel Lopes Ferreira, “José Daniel Rodrigues da Costa (1755/56-1832) Um autor ao serviço da ‘educação dos povos’” (Dissertação de Mestrado em Estudos Românicos, Departamento de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011), 13-14.

elementar. Ser autodidacta valeu-lhe mais tarde olhares de soslaio no meio em que tentou integrar-se. Adoptou o nome arcádico de Josino Leiriense mas não foi recebido como um igual no círculo literário da Nova Arcádia. Reagiu acusando de algum modo o complexo de inferioridade, ao legitimar-se com o êxito da recepção da sua obra junto do público em compensação pelo menosprezo da crítica.

Protegido do desembargador António Joaquim de Pina Manique, irmão do intendente da Polícia, José Daniel fez carreira na administração civil e militar, sendo nomeado para sucessivos cargos remunerados no funcionalismo e tendo atingido o posto de major da Legião Nacional do Paço da Rainha. Paralelamente, desenvolveu intensa actividade literária, com uma obra de que fazem parte dezenas de textos, sobretudo jocosos, repartida por folhetos, periódicos, peças de teatro, poesia, polémica, textos patrióticos, apologias e cartas. O seu público era constituído pelas camadas populares pouco exigentes do ponto de vista estético. Não se coíbia de abordar potenciais leitores nas ruas, nos cafés e nos teatros para vender as suas produções⁴ que, além de contribuírem para o seu desafogo económico, ajudaram à sobrevivência dos vendedores de literatura de cordel e tiveram um papel no êxito comercial de impressores como Simão Tadeu Ferreira, JFM de Campos ou João Nunes Esteves.

A relação - procurada e nunca contestada - de subalternidade face ao poder e aos poderosos reflecte-se no conformismo social e político da obra de Costa. Contra os que são contra, mostra a subserviência necessária para agradar a quem manda. Não é de estranhar, pois, que ao silêncio mantido durante a ocupação na primeira invasão francesa tenha sucedido um entusiasmo patriótico durante a restante guerra peninsular. O respeito pela nova ordem liberal instaurada pelo 24 de Agosto de 1820 (*O Prazer dos Lusitanos na Regeneração da Sua Pátria*) foi seguido, sem solução de continuidade, pela saudação contra-revolucionária (*Entrada que deu no Inferno a Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Dona Constituição, que foi levada ao Diabo, com todo o estrondo, em 2 de Junho de 1823*). De igual modo, o autor das "fervorosas preces" pela infanta D. Isabel Maria (1827), a regente que fizera jurar a Carta, não poupou louvores ao "augusto senhor D. Miguel I", aproveitando para lembrar ao rei absoluto, em 1829, "a sua pretensão e outras obras, agradecendo ser despachado". Acabou por receber a

⁴ Ferreira, "José Daniel", 91.

recompensa pedida: três moios de trigo por ano - que não chegou a gozar, por ter morrido pouco depois⁵.

2. O periódico

O Espreitor do Mundo Novo. Obra Critica, Moral e Divertida foi publicado sob a forma de 12 folhetos mensais ao longo de 1802. O frontispício identifica o número do folheto e o mês, é ilustrado por uma gravura representando um homem a espreitar por um óculo uma cidade iluminada pelo sol e uma velha corcunda a olhar para a lua e as estrelas, legendada pela quadra: “A Velhice procura o Mundo velho,/ Sagaz Espreitor indaga o novo,/ Ambos absortos ficão porque encontrão,/ Outro trato, outros usos, outro Povo.” Inclui ainda o nome do autor (Por José Daniel Rodrigues da Costa), o local de edição e a data (Lisboa. MDCCCII), o impressor (Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira) e a licença (Com Licença da Meza do Desembargo do Paço). Teve segunda edição em 1819, impressa por JFM de Campos. Na página seguinte apresenta a epígrafe: *Quid verum, atque decens, turo & rogo, & omnis in hoc sum/ Condo, & compono, que mox depromere possim.* Horat. Epist. I. L. I. v. 11 e 12. E a respectiva tradução: "Cuido em ser verdadeiro, em ser decente,/ Pergunto, vejo, observo, e tudo guardo:/ Reflexiono depois, de nada abuso,/ E de quanto indaguei, faço bom uso." Na última página surge o anúncio: “*Vende-se esta Obra do Espreitor do Mundo novo nas Lojas seguintes: Na da Viuva Bertrand, e Filhos ao Chiado, ao pé da Igreja [sic] de N.S. dos Martyres, N. 45....*”

O escopo do periódico é apresentado na nota introdutória Ao Leitor (Janeiro, p. 6.):

"Eu não trato de prometter nestes Folhetos cousas grandes, porque os meus talentos são pequenos; e não quero que me digão, que promettendo muito, não dou nada. O que asseguro he não escandalisar os ouvidos dos Leitores, seja Homem, ou Senhora, porque os hei de fazer confessar, que he verdade, o que digo, e que pinto ao natural, o que se está vendo; além de servir de lição para que os dois séxos se acautelem de tratantes, vindo por todos os lados esta Obra a ser util. Nella envolverei com o sério a juvenalidade, que huma critica tal poder admittir, reprehendendo os vicios, e dando hum refrigerio aos genios melancolicos."

⁵ João Palma-Ferreira, prefácio a *O Almocreve de Petas e outras prosas*, de José Daniel Rodrigues da Costa (Lisboa: Estúdios Cor, 1974), 12.

Também ali José Daniel inclui o *disclaimer* habitual nas suas obras, de modo a evitar litígios:

"E muito embora me tenham por hum impertinente indagador dos costumes, que a generalidade com que fallo, não deixa lugar para que pessoa alguma se offenda. Eu não fallo de todas, fallo de muitas, e não conheço huma só, que podesse apontar, quando isso me fosse licito." (Jan., p. 7.)

Logo,

".... o fim he meramente corrigir os vicios.... Por este motivo fica bem entendido, que não he da minha intenção, como já disse, atacar pessoa alguma; porque no meu *Almocreve de Petas*, nos meus *Ópios*, no meu *Comboy de Mentiras*, no meu *Espelho de Jogadores*, e em todas as minhas *Obras* cuido muito em guardar esta mesma decencia, e Deos sabe se nestes mesmo vicios, que pinto, e reprehendo, a mim mesmo me reprehendo, e pinto!" (Jan., pp. 8-9.)

Os doze folhetos incluem narrativas curtas, que hoje poderiam ser classificadas, se não como reportagens, pelo menos como reportagens ficcionadas ou crónicas de instantâneos do quotidiano lisboeta, com uma geografia precisa dos bairros da cidade e arredores: a Praça da Alegria, o Rossio, o Bairro Alto, Cacilhas, a Costa... As prosas são entrecortadas por poesias, que tanto podem ser relacionadas com o tema do mês como integrarem a *Opíada*, o longo poema que o autor publica por partes ao longo do periódico.

3. O Espreitador e o espaço público

Publicado segundo o plano apresentado no primeiro número - *O Espreitador na Praça* (Janeiro); *O Espreitador nos Cafés* (Fevereiro); *O Espreitador nas Feiras* (Março); *O Espreitador nas Casas* (Abril); *O Espreitador nas Cadeias* (Maio); *O Espreitador na Igreja* (Junho); *O Espreitador nos Passeios* (Julho); *O Espreitador na Romaria* (Agosto); *O Espreitador nos Touros* (Setembro); *O Espreitador nas Assembleias* (Outubro); *O Espreitador na Ópera* (Novembro); *O Espreitador em Geral* (Dezembro) -, José Daniel conduz o leitor numa viagem que percorre diferentes espaços de sociabilidade onde o convívio (até o convívio forçado, como na cadeia) proporciona discussão, denúncia de vícios, assunção de preconceitos e atavismos, exibição de modas e até a construção de um ideal cívico.

Esses espaços, em geral de acesso público (mesmo quando se trata de espaços privados são de algum modo abertos ao público, como no caso das assembleias; as casas

são a exceção mas, ainda assim, surgem como cenário de situações que o *Espreitador* quer oferecer para reflexão e debate públicos), correspondem a instituições colocadas por Habermas na génese da esfera pública⁶, sendo o próprio periódico uma das instâncias dessa esfera constitutiva da opinião pública⁷.

4. Os temas

A moda é o tema preferido do *Espreitador*, recorrente desde a nota introdutória Ao Leitor (os “rediculos trages d'agora”, Jan., p. 8). Sucedem-se as críticas à moda feminina: “Agora he hum vestido, quasi nada,/ Com hum dedo de umbreira;/ Dos ombros magros ossos apparecem,/ Os braços andão nús, nunca arrefecem.... Da nudez fazem hoje alto capricho,/ Nos mais publicos actos;/ O peito á véla todo, as costas nuas” (Jan., pp. 31-32).

Ou:

“Que scena tão galante he ver a dama,/ De lenso na cabeça;/ Assentando, que a moda bem lhe fica,/ Como a preta, que vende fava rica.... Hoje vestem-se todas de retalhos,/ Como pobres de porta,/ Huma manga he cinzenta, outra encarnada,/ O corpo azul, a saia esbranquiçada.// Muitas tirinhas, muitas filigranas,/ Armadas de andarilhas;/ Pulceiras, braceletes, e medalha,/ Mil ganduxos, que a moda louca espalha.” (Abril, pp. 25-27).

E ainda:

“Eu vi certo marido lamentando/ Os enganos que teve:/.... *He possível,..../ Que eu casasse co'as modas?/ Que buscando mulher, nestes instantes/ Não ache mais que fitas, e volantes!!! Que visse huma mulher, fazendo vulto/ Anafada, e vistosa!/ Que depois de casar, neste conflict/ Em lugar de mulher, ache hum palito.// Por este modo o triste se queixava,/ Como espelho dos outros:/ Ninguem busque casar, sem mais exames,/ C'huma mulher armada por arames.*” (Junho, pp. 31-32).

Mas o *Espreitador* também zurze a moda masculina:

“... em lugar de hum capacete, apresentam hum chapelinho redondo posto meio no ar: em lugar de hum peito de aço, trazem hum coletinho de mimoso fustão

⁶ Jürgen Habermas, *The Structural Transformation of the Public Sphere* (Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1993 [1962], 31-51, http://pages.uoregon.edu/koopman/courses_readings/phil123-net/publicness/habermas_structural_trans_pub_sphere.pdf, último acesso em 11 de Junho de 2013. Ver também Mary Lee Townsend, “Humour and the Public Sphere in Nineteenth-Century Germany,” in *A Cultural History of Humour*, ed. Jan Bremmer and Herman Roodenburg (Cambridge: Polity Press, 1997), 200-221; Frank Palmeri, “Satire, Novel and the Public Sphere” in *A Companion to Satire Ancient and Modern*, ed. Ruben Quintero (Oxford: Blackwell Publishing, 2007), 371-372; e José Augusto dos Santos Alves, *O Poder da Comunicação* (Lisboa: Casa das Letras, 2005), 128.

⁷ Habermas, *Structural Transformation*, 51-56.

pintado: em lugar de huma farda, que lhes dê honra, vestem huma casaquinha de quartos tizicos, que parecem da cintura para baixo duas badanas de bacalhão, que lhe batem nas curvas....; e aqui temos exactamente o rediculo trage destes cinco figurões....” (Abril, pp. 11-12).

E, sobretudo, a moda de imitar o que vem do estrangeiro:

“.... no Passeio Público.... se achavão assentadas em hum banco de pedra quatro meninas estrangeiras, que pela sua meia língua estavam murmurando de tudo quanto entrava, ou sahia.... Que lhe parece, Madama Tarilêta, aquella que acolá vem naquelle rancho vestida à Lafayeta? Respondeo-lhe a outra: ella bem quer affectar de estrangeira; porém falta-lhe a graça natural, que nós temos.... Ó Madama Cintilina, não se lembra quando eu melhorei das bexigas, e fiquei sem cabelo, que a touca, que puz na cabeça guarneçada de flores, me estava a matar? pois a primeira vez, que sahi fora com ella, agradou tanto a minha vista, que todas, as que ma virão na cabeça, julgarão ser hum novo enfeite; e logo se vio na Cidade toda, propagada a invenção das toucas na cabeça....” (Julho, pp. 1-2).

Os riscos de certas modas são contados de maneira picaresca, como no episódio em que o vendedor de barretinas de palha deixou o cesto à porta de um café, à Praça da Alegria. Na porta ao lado estava presa uma mula, deu-lhe o cheiro a palha, estendeu o pescoço e comeu os chapéus:

“.... como se ella estivesse á mangedoura; e assim mesmo por debique comeo cinco, e abocanhou duas.... E como as barretinas não erão suas, estava na maior afflicção, por ter de as pagar a sua dona. Vejão vv.mm. em que perigo se acha huma Peralta d’agora, se passar com barretina de palha ao pé de alguma cavalgada esfaimada: isto he o que nunca succedeo aos honestos mantos, que encobrião a feia, e fazião mais appetecida a formosa.” (Julho, p. 15).

Por detrás da crítica da moda está a crítica da novidade que põe em causa a ordem social acatada pelo *Espreitador*: “Porém ninguém ignora, que a causa deste escandaloso comportamento nasce da mocidade d’agora estar em hum tempo, em que só se conduz pelo vicio, pela moda, pelo capricho, e pelas occasiões.” (Junho, p. 6).

E até aponta o momento de charneira que separou para sempre o Velho do Novo: o culpado foi o Terramoto de 1755, devidamente antropomorfizado:

“Ora Senhor Terremoto, v.m. a fez, como eu não esperava! Antes de v.m. abalar Lisboa, os homens tinham juízo, e honra; e as mulheres tinham gravidade, e recto; porém depois que v.m. embrulhou quasi tudo, embrulhárão-se quasi todos, e já não lembra Santa Barbara, senão quando faz trovões: os homens vivem, sem tantos conhecimentos do Mundo, com mais acerto, as mulheres vivem, sem tanto luxo, com mais decencia. He verdade que ellas não sabião tanto, como agora sabem, sem serem já donas de sua casa; e hoje de quinze annos, e de menos com os

vestidinhos traçados, correm quantos becos tem a Cidade, humas vezes sós, e outras mal acompanhadas. He verdade que os homens desse tempo, se vissem os bonecos authómatos, que estiverão nas salas da Opera em São Carlos, terião por bruxaria andar hum boneco por si mesmo, e não serião tão senhores das causas naturaes, como hoje que lhes servem para tudo, quaes charopes de botica; porém he certo que se não disfiguravão as cousas, como hoje se disfigurão em todo o sentido.” (Junho, p. 9)⁸.

Outro tema favorito da crítica do *Espreitador* é a vontade/ambição de mudar de estatuto social, de ir contra os “lugares naturais” da sociedade impostos pelo nascimento. Querer subir na vida é dar o flanco para se ser exposto ao ridículo:

“hoje que os criados, querem ser amos; os officiaes, mestres; os caixeiros, patrões; os escreventes, Letrados; os Alcaides, Ministros; e os filhos, donos da casa.” (Fev., p. 18). “O caixeiro de certa corporação, que em outro tempo nunca montou mais, que em hum burro, quando veio da terra, hoje se apresentou em hum soberbo cavallo, ajaezado de selim, sem saber de picaria, e querendo ser Picador.... pois, como huma pella, foi o caixeirinho despedido pelo bruto ao meio do chão, onde se quebrou hum braço, e abrio a cabeça. Em semelhantes casos assentão os minores, que antes huma albarda, que hum selim.” (Março pp. 10-11). “Nesta mesma casa he que o Espreitador observou cousas galantissimas. Primeiramente achou todas as senhoras apegadas a hum Dom, que não tinha mais de hum anno; porque a que era até alli Felicia dos Anjos, já se achava feita a Senhora *D. Felicia dos Anjos Vilarina Alperce de Torlaya....*” (Outubro, p. 9).

Mal vistos pela norma social vigente, os casamentos desiguais também excitam a pena vingadora de Rodrigues da Costa:

“.... hum rapaz de vinte e hum annos, a ponto de ir degradado para a India, por ser hum menino dos da qualidade de bem nascidos, e muito mal creados; sendo o seu crime o ter dado veneno a sua mulher.... E quando se procurava a origem da desordem, sempre se achava ser feita pelo tal Adonis, em hum briga continuada com a sua Esposa, em que as mais das vezes fervião os bofetões, as pauladas, e as descomposturas; por ter sido este casamento desigual em tudo, desigual na idade, desigual nos genios, desigual nos teres, e desigual no juizo; porque a Senhora tinha setenta e dois annos, quando casou, e elle Cupidinho da moda tinha vinte. Triste casamento, que os pôz a ambos em hum horroroso inferno. Ella era rica, elle pobre: ella pertendia ser querida, elle queria ser respeitado: ella queria governar o que era seu, elle queria ser Senhor do que não tinha: ella era ciosa pela idade, em que o via, elle amava-lhe o interesse, e aborrecia-lhe a pessoa: ella amorosa queria ser tratada, como se fora rapariga, elle bandalho descompunha-a de velha.... Hum dia á cêa

⁸ A propósito da ridicularização do novo, incluindo a ciência e a filosofia, ver Christophe Cave, “Le rire des anti-philosophes,” *Dix-Huitième Siècle (Le Rire)*, 32 (2000): 227-239.

preparou elle á miserável mulher hum prato de arroz, adubado com vidro moído.... mas a pobre Senhora, que já andava meia desconfiava [sic] delle, pelas persuasões de huma fiel criada, logo ao primeiro bocado teve seus enjoamentos de estomago, e exgotando-se-lhe de todo a paciência, com a ajuda dos visinhos pregou com elle prezo” (Maio, pp. 13-14).

O preconceito de género aliado ao de idade dá azo a retratos cruéis:

“He nesta mesma Feira, que se vê entrar huma sege de aluguel tão desmembrada, e mal segura, que mais parece carroça da lama, que carruagem de dia de função.... e pelos óculos, já sem vidros, se pesquisava huma Senhora, ou para melhor dizer hum estupor cheio de cor, e alvaiade, já com sessenta annos no bucho, a cara encrespada a ferro, a boca negra, os dentes amarellos, e toda ella a Bicha de sete cabeças; mas que desgraça! Pilha a sege huma sobre roda, tomba-se e sahe aquelle monstro de dentro, mas de gatinhas, com tanta infelicidade, que cahindo-lhe com o balanço da quéda a cabelleira de canudinhos, que levava, appareceo de calva muito lisa como a palma da mão. Dêrão-lhe agua por causa do susto, e nas afflicções, querendo-se affectar convulsa, forão tantos os tregeitos que fez, e momices, que todos arrebutarão com riso daquela lastima; e o que mais divertia o povo, era o brejeiro do boleiro arremedando-a nas caretas, com tanta propriedade, que tudo se escangalhava com galhofa.” (Março, pp. 15-16).

Ou noutro registo sarcástico não menos cruel:

“Senhora Dona Belarmina Bombarda Alhosvedros se dispôz a fazer em sua casa huma Assembléa em honra, e louvor dos seus desencadernados cincoenta annos.... Outra, que era tátara, e fanhosa, querendo também fazer o seu comprimento, principiava com estas palavras: *Te Vomecê tizê ateditá pô cincéo o meu todação, não teicadá de me sê affetta, po o munto, que a etimo, e tesejo, e a seu tepeito é t’eu atóda ati venho, paa te muntos annos tonte tom munta fotuna.*” (Outubro, pp. 1-2).

A mudança de estatuto em sentido descendente, caso da fidalguia arruinada, também é tema de reflexão:

“.... em outra casa se observa huma perdição continua; porque tendo sido aquella família em outro tempo abastada, entrou o Pai a cuidar toda a sua vida no rumo, que havia de dar aos filhos, projectando grandes empregos a huns, e grandes casamentos a outras. Neste meio tempo morre este homem; e cada qual, dando cabo do que lhe pertencia, ficarão por fim arrastados, e só com a lembrança da Fidalguia passada.” (Abril, p. 10).

Denuncia a violência doméstica em resultado dos “vícios” do marido e pai:

“.... nesta mesma rua, que se ouvem gritos em huma casa de hum marido, que está dando em sua mulher, porque esta lhe não dá dinheiro para sustentar os vícios, que tem; e mulher, sôgro, e sógra, tudo vai raso com pancadaria, e até de raiva abre a cabeça a hum filho; e quando o querem prender, pucha por estes, e aquelles

privilegios, que tem, que só naquella intalação he que se lembra, que he homem de bem, e o quer persuadir aos outros.” (Abril, p. 11).

Também a falta de educação e de higiene – em contraste com a patente de fidalguia:

“Desde que aquella familia alli mora, que se contão 14 annos nunca mais as paredes virão cal, nem o sobrado vio agua, mais do que aquella que por desmazello se entorna. O fartum logo que se entra tomba.... O que se guarda em huma cômmoda com muito recato, são humas patentes antigas, por onde veio o Dom arrastado áquella familia.... A Mãe na janella he quem regista os amantes das filhas. Tristes consequências, infeliz desarranjo! Maldita criação, desmazelado Pai!.... A boa educação vale mais do que a nobreza. Rapazes entregues somente á materialidade, qual será o seu fim? Conheça quem os tem á sua conta, que a mocidade quer indispensavelmente tres P.P., pão para o sustento, páo para o castigo, e panno para se vestir. Honrados Pais são aquelles, que cuidão mais na educação de seus filhos, que em si próprios....” (Abril, pp. 20-21).

Bem como as más companhias:

“Serião cinco horas da tarde, quando vinha por huma rua hum asseado rapaz, com cara de moribundo, amparado por tres figurões destes de chapéo redondo, brinco na orelha, e cabeça de cão d’agua, sem se poder ter nas pernas, nem governar a cabeça.... o desgraçadinho Tافل era filho de hum Pai honrado, e homem muito de bem; e que fôra feito bêbado por força, pelas más companhias, com que andava; porque sendo hum rapaz bem morigerado, até com Officio público, indo jantar a huma casa de pasto, guiado por cabeças de avelãs, o mettêrão no fim do jantar em huma grande diversidade de licores, não faltando *charotos*, que em Portugal se chamão cigarros, com que o fizerão fumar contra sua vontade: seguiu-se daqui ficar como bebado com o espirito das bebidas, e com a diabolica fumadura: de sorte, que fumando hum charoto inteiro, ficou de profundis, e a clamar com tantos despropósitos, que parecia berrarem-lhe nas tripas os diabos todos: ora queria brigar, ora camava nomes injuriosos á companhia, de fôrma que se obrigarão os seus collegas a levarem-no a casa naquelle misero estado.” (Julho, p. 8).

As lições de poupança são outro tema:

“Ora como os tempos vão correndo com escacez, e carestias, tem isto aperfeiçoado muito os professores da economia. Agora de proximo apparece nesta Cidade hum homem, que para se livrar do vicio do tabaco, em lugar de caxa, traz sempre hum palito na mão; e quando lhe lembra tomar a pitada, faz com o mesmo palito humas cócegas no nariz, que o fazem espirrar seis, e sete vezes; e diz elle abertamente, que por effeitos do palito tem conseguido o fim, para que tomava tabaco, sem despeza alguma: e o mais he que até se livra de brindar os seus amigos, porque pitadas daquella qualidade não servem para nariz alheio.” (Novembro, p. 12).

Ainda a pretexto do vício do tabaco e de uma situação caricata, José Daniel elogia do irmão do seu protector, Pina Manique, a propósito da iluminação pública de Lisboa:

“.... huma familia numerosa vinha do Rocio, correndo espavorida para a parte do Passeio Público.... gritando que no Rocio havia bruxas, que ella mesma vira muitos lumezinhos, que ora se accendião huns, ora se apagavão outros, e que até ouvira dellas muitas risadas.... Quanto mais a velha affirmava, mais o Espreitador se soffocava de riso: quando sabidas as contas, as tais bruxasinhas erão alguns quatorze, ou quinze Aulistas, e Militares, que vinhão em fileira rindo, e conversando, todos de cigarro na boca, da nova invenção accesos, que com o escuro appareciãos os lumes em fileira, e occultavão-se os vultos. Custou a desenganar desta verdade toda aquella espavorida gente, e nisto se mostra bem de que cor são os testemunhos do nosso tempo: succedeo isto em Dezembro, mas, graças ao Ceo, que estamos livres que torne a succeder; porque já os candeeiros, e o luar não dão lugar a semelhantes enganos.” (Julho, pp. 4-5).

5. *Os alvos*

Tal como em relação aos temas, o *Espreitador* evidencia uma predilecção especial por determinados alvos. É o caso dos jovens: um "rapaz de vinte annos.... foi a pouco, e pouco roubando a Viuva, e fazendo fundo para commerciar sobre si." (Jan. p. 11)." (Jan. p. 11); o “Cupidinho da moda”, rapaz de vinte e um annos que tentou envenenar a mulher de setenta e dois (Maio, pp. 13-14); os rapazes frequentadores dos touros: "Concorrem ao sanguinolento espectaculo.... rapazes de todos os bairros, que deixão os porteiros estafados; porque hum mette-se, como furão, e foge-lhes para dentro, outro.... escapa-lhes pelo telhado.... até se vio já hum mandrião taludo pedir esmola, para ir ver os Touros." (Setembro, p. 3). Ou o malcriado que acabou por receber castigo:

“Foi neste mesmo dia pelas oito horas da noite, que o nosso bom Espreitador encontrou no largo de S. Roque hum ajuntamento, onde vinha hum rapaz muito asseado vestido em corpo com duas estocadas.... tinha o depravado costume de ser pouco honesto nas suas fallas em presença de Senhoras, e era um tôlo o mais conhecido, que se tem visto, e atrevido com todas as meninas nas casas dos seus conhecimentos. Seguindo pela rua todos os ranchos de Senhoras, que via, sem medir a qualidade, sem respeito a quem as acompanhava, a tudo envestia.... dizendo palavrinhas picantes, e descompostas. E hindo por aquella rua huma familia, com duas meninas bastantemente sérias, o tôlo assentando que hião morrendo de amores por elle, tal graça lhe disse, e tão obscena, que hum tio, que as acompanhava,

inflammando-se, e puxando do seu espadim, lhe deo duas estocadas. Eis o premio dos atrevidos....” (Julho, pp. 16-17).

De idade indeterminada, já não “rapazes” mas adultos jovens, são os “tafuis”⁹, seguidores da moda e dos desmandos dos novos tempos: “Rompendo a multidão de Povo, dando encontrões nos mais, que estão accommodados, entra hum grande Tافل enteriçado de pescoço, e todo o seu forte he querer ouvir Missa bem ao pé das Senhoras, que nisso he que lhe dá a devoção.” (Junho, p. 2).

“Eis-que o Tافل ouvio semelhante reprehensão, encheo-se de cólera, e quis saltar no velho. Levantou o velhinho da bangalla [sic], vermelho como hum cravo d’arrochella, e atirou-lhe duas bangalladas. O Tافل, que se queria defender, e a necessidade o obrigava a murro soco, porque já se não usam floretes, pegou n’hum cadeira, para lhe atirar com ella. Huma Senhora para alli gritando *Á que d’ElRei*; a velha avó mettida em hum convulsão, com o pescoço estendido, que era hum molho de nervos, deo com a cabeça, e com os braços em hum peanoforte, e ficou debaixo delle: toda a mais Tافullaria a apartarem os dois, foi tal o barulho, forão taes os gritos, e tanta a desordem, que se deo tudo por acabado.” (Outubro, p. 16).

À “tafularia” pertencem naturalmente aqueles e aquelas que frequentam a igreja para namoriscar:

“Acabou a Missa da Festa, a que assistirão indecentemente aquelles joviaes individuos, com trejeitos, desembaraços, e namorações: e são estes os primeiros que sahem fôra, fazendo duas alas ás Mães, e filhas, onde trovejão as risadas, chovem os ditos, e relampejão os olhos com taes geitinhos, que por milagre do Ceo não ficão tortos de hum vez.... alli vem tres delambidas, e tão grulhas, que parecem gralhas na fallacia, que se lhes ouve: hum deixa cahir o leque nos degrãos do adro, fingindo descuido, e logo acha hum prompto mestre de ceremonias para lho levantar; outra finge que no lugar, em que estava, lhe ficara hum lenço, só para tornar a traz, e receber em hum escrito novas de seu avô torto.... e he deste modo que aquella gente indiscreta fecha aquelle pio acto. Porém ninguém ignora, que a causa deste escandaloso comportamento nasce da mocidade d’agora estar em hum tempo, em que só se conduz pelo vicio, pela moda, pelo capricho, e pelas occasiões.” (Junho, p. 6).

A “desordem do mundo” – título do longo poema publicado nos folhetos de Agosto e Setembro – é, em grande medida, resultado do papel cada vez mais activo conquistado pelas mulheres no Mundo Novo: “Ter a mulher elevada/ Por mulher de grande estudo,/ Com genio de endiabrada;/ A mulher mandando tudo,/ E o pobre marido nada:/ Entenda-o quem o tem visto:/ Eu não sei entender isto!” (Setembro, p. 16).

⁹ Tافل, casquilho, peralta ou peralvilho são termos usados no *Espreitador* para designar, em tom pejorativo, os seguidores da moda – e do novo. Os equivalentes femininos são tafula, adela ou sécia.

Sejam ciumentas -

".... anda huma mulher com seu marido, mas tão ciosa, que o desvia de todas as barracas, onde estão mais Senhoras.... se o pobre por acaso olhou para alguma com olhos de carneiro morto, adeos minhas encomendas! leva da mulher cada beliscão, que e parto." (Março, pp. 3-4)

-, "delambidas", "tafulas" ou "madamas", as mulheres estão permanentemente debaixo da mira do *Espreitador*.

"Acaba-se a Missa, vem aquelas duas figuras pelo meio da Igreja, com a boca do estomago á vela...., bambaleando o corpo todo, até chegarem ao adro, aonde se achão postados os estafermos aguados, que as vão seguindo, como cães." (Junho, p. 8). "... huma Senhora muito tafula de modas, e de cara (deixe-me-lhe assim dizer, creio que todos entendem) muito formosa" (Julho, p. 13). "Alli [à ópera] chega outra Senhora, attrahindo a vista de todos, e deixando alguns sem vista; e por este motivo lhe disparão todos seus tiros de luneta: e isto porque vestia huma túnica de transparente cassa, e tão transparente, que muitos a vião por dentro, fazendo esta Madama gala da nudez, em que se via. O que sendo observado pela *magna comitante caterva*, foi constante a assoada.... a isto se expõe quem não olha para a sua decência." (Novembro, pp. 3-4).

A misoginia é ainda mais claramente assumida no folheto de despedida do *Espreitador*:

".... ha de haver maganão do rancho dos meus Leitores, que ha de estar á espera de que este Espreitador diga das Senhoras outro tanto.... Porém deve advertir, que a delicadeza deste sexo faz com que elle o trate com o maior respeito; e não parecia bem, que elle dissesse, que as Senhoras usavão agora de coroa, e seta na cabeça, porque a tem tão leve, que já não sabem o que lhe hão de pôr, para lhes fazer pezo.... Não havia de certamente lembrar-se de Senhoras, que levão quatro horas a vestir-se em casa, para apparecerem na rua quasi nuas." (Dezembro, pp. 14-15). "Ás Senhoras modernas devo tudo, e tanto, que muito mais, (com perdão das mesmas Senhoras) eu tenho que dizer dellas; e dos productos das obras, que faço, até devia dar alguns dotes ás mais necessitadas, coitadinhas, visto terem sido o instrumento de alguma felicidade minha: isto he, fallando com as que são mais raparigas; porque as de cincoenta annos para cima, nenhuma precisão tem do meu acolhimento." (Dezembro, p. 18).

As críticas mais acerbadas estão, contudo, guardadas para as mais velhas, somando o preconceito etário à misoginia, como foi referido acima. No último folheto redobra as invectivas:

"Alegrem-se todas as velhas do tempo presente, que estão em hum Seculo, em que hão de ter sahida por força, o calculo he bom de fazer, e a razão he esta. Os homens velhos largarão as cabelleiras, que lhes encobrião a idade: pozerão-se de

cabello, e cabelo tão branco, que parece que trazem na cabeça hum reboco de cal. Nesta situação já as moças não Olhão para hum homem de calva á vela, e de cabelo ruço, porque a Cidade está contaminada de meninos amarrados, que sempre são outra qualidade de objectos; e os velhos, vendo que não pertencem a esta classe, aqui os temos namorando as velhas em timbre do desprezo, que as moças lhes fazem. E o mais he que o abandono das cabelleiras pôz insensivelmente a namoração em ordem.” (Dezembro, pp. 18-19).

Os homens velhos são outro alvo fácil:

“De outro lado se via hum velho impertinente, e namorado, teimoso em querer, que huma das senhoras lhe tenha amor; e tão doudinho estava o bom do velho, que já passava os limites da civilidade, cahindo em atrevido, e alguma cousa insoffrivel de palavras, parecendo-lhe, que por aquelle modo faria o barco agua, sem se lembrar, que o homem ao abrigo da velhice, nunca deve perder os bons costumes, pois que já mais nada lhe resta, do que partir da velhice para a morte; e por isso deveria discorrer, que os moços nos seus vicios tem que combater só a razão, e os velhos a razão, e a vergonha.” (Outubro, p. 3).

O *Espreitador* investe também contra os homens casados mulherengos:

“.... aqui temos outra desordem; porque havia nesta função homens casados, namorando outras de fora, e algumas já com filhos sustentando o mesmo systema. Havia alguns mais commedidos, que se moldavão ao tempo, namorando pela sonça, e sem escândalo; outros contentavão-se de longe só com algumas gargalhadas: e esta namoricação risonha he a que os Tafues de bom gosto adoptão presentemente por menos trabalhosa; porque estamos em hum tempo, em que as Senhoras já não precisão escritos, feitiços, desmaios, e falladuras de noite: bastão os olhos d’agora, que a certos geitos dizem *amo-te*.” (Outubro, p. 4).

Não ficam imunes o “cavalheiro solteiro das Ilhas, da Provincia, ou da Côte”, que vive na ociosidade (Abril, pp. 1-2); o usurário e o gastador, sua vítima (Jan., p. 12); os comerciantes monopolistas (Jan., p. 13); o jogador (Jan., p. 15); os políticos de café (Fev., p.3); os aspirantes a poetas (Fev., p.4); os murmuradores “que cortam nas vidas” alheias (Fev, p. 18).

E muito menos os tolos:

“.... assim como ha muitas diversidades de malinas, ha huma epidemia de tolices de differentes lotes: este nosso Espreitador, querendo indagar de onde provém os males, que tanto inquietão os viventes, e desordenão a máquina, achou que todos os damnos tinhão a origem no contagio da tollice; e armando-se de paciência, e vagar, teve o bom gosto de contar nada menos que dezeseis classes de tôlos, isto he, dos mais circunstanciados, que bem definidos vem a ser: Tôlo bom, tôlo máo: tôlo manso: tôlo bravo: tôlo por arte: tôlo por natureza: tôlo presumido: tôlo de meia idade por diante: tôlo toda a sua vida: tôlo que se emenda: tôlo que

julga por si os mais: tôlo que nunca se entende: tôlo que logo se dá a conhecer: tôlo que faz a outra gente tôla: tôlo que em tudo se mette: e tôlo para humas cousas, e de juízo para as outras.” (Dezembro, p. 2).

6. *Conformismo político, conservadorismo social*

O preconceito social é um sustentáculo do conformismo político do *Espreitador*:

“Tres cousas são encarregadas ao bom Vassallo, amor ao Throno, submissão ás leis, e respeito aos Magistrados; perdida esta ordem, temos o Mundo reduzido á confusão de Babel. Ora como os homens velhacos, quasi sempre vivem pobres, que assim lho permite a Providencia, para venderem baratos os seus delictos...” (Maio, p. 4).

E o preconceito contra os pobres repete-se contra os saloios: “He nesta mesma Feira, que se vê quanto mesquinhos são os ânimos de gente saloya.” (Março, p. 13).

A mesma mundividência leva José Daniel a apontar a dedo os lisboetas que, já em 1802, viviam acima das suas possibilidades:

“O povo de Lisboa para alongar os seus dias deo na fina, que he comer, beber, e passear; e isto se prova com duas mil casas de pasto, e outras tantas de café, que ha na Cidade, sempre cheias a botar gente fora.” (Novembro, p. 10).

Em prosa e em verso: “Eu canto o luxo estafador das gentes,/Que perde o louco Mundo” (*Opiada*, Parte I, Jan. p. 23).

7. *Contra o racismo*

Excepção ao conservadorismo predominante no *Espreitador*, a denúncia do “divertimento bárbaro” dos touros surge a par da condenação do racismo:

“.... não era justo, que elle [*Espreitador*] se descuidasse de entrar em hum sitio, como he huma praça de Touros, divertimento bárbaro, objecto, que sendo para rir, muitas vezes faz chorar. E como se tem promettido nesta obra atacar os vicios, preciso se faz, que o nosso Espreitador comprehenda na sua correcção este imprudente recreio, que principia por huma trópa de mandriões mascarados....” (Setembro, pp. 1-2). “Em quanto as Mães muitas vezes estão em casa remendando huns calções de seus filhos, estes estão na Praça rasgando a vestia, a camiza, e até o mesmo corpo. Lá foi hum ao ar, sacudido por hum boi matreiro: lá ficou outro sem hum olho: lá se quebrou huma perna: viva a função nunca houve huma manhã, em que se brincasse mais.” (Setembro, p. 3) “.... saltou hum Touro á trincheira, depois de ter já estripado hum vaqueiro, morto hum preto, quebrado huma perna a hum dos Cavalleiros, e aberto a cabeça a hum curioso peralvilho de casaca, que sem entender nada daquillo, se metteo a esperto.... Não havia mãos a medir para levar corpos para dentro, porque a Praça estava fazendo a vista de hum cemiterio. Foi

então que o Espreitador ouviu a muita gente: *Nunca houve uma tarde mais divertida do que esta!* E até houve uma alma damnada, que disse: *Muito gostei, quando vi morrer o preto, forte Touro! pilhou-o bem em cheio; tive dó de o matarem á espada, eis-alli hum Touro, que devia ser guardado para outras occasiões.*" (Setembro, pp. 7-8).

A denúncia do racismo volta a encontrar-se a propósito de um desacato na ópera: "... chega a outro camarote uma Senhora, que trouxe consigo.... uma velha, uma mulata, e uma pretinha, que era a sua família. Faz isto hum tal rumor na platéa, que ninguém se entende com o alarido: batem-lhes uma marcha de páos, e coices, fervem os assobios, e a final temos a casa da Ópera tornada em praça de touros...." (Novembro, p. 3).

8. Na pré-história da reportagem

Alguns episódios que alimentam os folhetos mensais prefiguram a reportagem ou a crónica de costumes, instantâneos da vida da cidade. É o caso da história que levou dois burlões à cadeia:

".... dois marujos amarrados, com os crimes de contrabandistas, e ladrões de subtiliza. Ouvirão-se contar pelas Praças de Lisboa mil historias de astutas ladroeiras, e ninguém conhecia os tratantes, donde ellas emanavão, até que felizmente se descobrio a malhada; porque andando aquelles dois individuos accomettendo de dia algumas pessoas de bem, para que lhes comprassem latas grandes de chá, em uma compra, que se fez de quatro latas das mesmas, veio o sujeito comprador muito contente á loja de um Capellista seu amigo, sem se faltar de gabar o acerto, que tivera, tanto por ser muito barato, como pela boa qualidade.... porém como cada lata só trazia ao de cima tres arrateis de chá bom, ainda agora está nas balanças a sahir serradura, que he o que vinha por baixo.... sahio da loja, e ainda teve a felicidade de encontrar naquelle dia os reprovados negoceadores, que fez logo prender: de que se tem seguido confessarem toda a qualidade de crime; e o mesmo que succedeo com o chá, succedia com rapé, com açúcar, e com toda a qualidade de género, que pudessem admittir semelhante engano. Nunca se vio em Lisboa serradura mais cara." (Maio, pp. 14-15).

Uma romaria frustrada à Costa justifica a extensão da transcrição:

"Foi a cinco deste mez, que cinco sujeitos de fabrica moderna convierão em fazer uma função de romaria ao sitio da Costa, por quererem tirar o ventre de miséria de peixe: e onde se poderia pilhar mais fresco, do que alli ao tirar da rede? Oh gostosa caldeirada.... Esperem os pargos, detenhão-se os roballos, não appareçam por ora os gorazes, nem os congros, em quanto estes cinco viajantes se não põem a caminho para os tirar do lanço!.... Pelas seis horas da manhã embarcou o rancho no Caes da Pedra com excessivo contentamento; e de alforje sómente hum cruzado novo de pão.... todos em jejum para poderem abranger a grandeza da caldeirada.

Chegarão a Cacilhas.... Apenas o rancho saltou no Caes, saltarão também no rancho vinte e dois garotos de grande marca, offerecendo burros ás Senhoras.... Tantas erão as Senhoras, tantas forão as quedas, que se derão. Hum dos Tafues, que levava huma garrafinha de mostarda n’algibeira para despertar o appetite da caldeirada, infelizmente, quando huma Senhora cahio, elle descendo-se com mais brevidade, para lhe acodir, tal geito deo, que fez a garrafa em farinha, e aqui temos dentro d’algibeira nada menos que outra caldeirada, que consta de bocados de vidro, hum lenço branco finissimo ensopado em mostarda, ou forro de casaca perdido, e huma caixa de rapé quebrada, da qual o retrato não tinha custado pouco.... O que lhe dava alguma consolação era saber que a Senhora, sua apaixonada tudo lhe havia de levar em conta. Continuou tudo em socego depois desta mixórdia, quando a poucos espaços o machinho de sella, que era manhoso, se pôz aos couces de forma que sacudio o cavalheiro, abrindo-lhe a cabeça na esquina de huma pedra.... Chovem lenços a apertar a cabeça do enfermo, elle branco como a cal da parede, esforça-se por não se mostrar maricas.... Chegou o rancho á Costa, e dado á costa com fome do tamanho de todo aquelle areal.... o mar encapellado, e negro, relampagos successivos, trovões amiudados, e agua a cantaros, fazia tudo huma caldeirada, que se não podia tragar..... Desenganado pois o rancho de que não havia com que matar a fome, já corrião as barracas daquelle sitio, onde não acharão mais que duas postas de bacalháo muita [sic] encortiçado, e quatro cebôlas cozidas.... As Meninas lá se accommodarão com o pão do alforje.... Desconsoladamente votou o rancho das Senhoras em marchar logo daquellas praias, e pondo-se tudo outra vez a caminho com caras de Monges d’Arrabida, se até alli as tinham de Anjinhos de presepio, chegarão a Cacilhas pingando: e naquelle lugar, com carapáos fritos, que foi o que se achou, puzerão huma rolha na boca á fome. Houve suas descomposturas.... e mais palavra, menos palavra, affretou-se huma falúa para ser transportado o rancho para Lisboa. Vinhão aquellas almas capazes de se pedir para ellas; porque vinhão ensopadas, agoniadas, esfaimadas, enxovalhadas, zangadas, e tudo o mais, que aqui se lhes poder ajuntar, que acabe em adas. (Agosto, pp. 8-12).

Ou ainda uma festa (assembleia) em casa de uma viúva com seis filhas:

“Porém como todas cantavão, e bailavão bem o lundum, davão todos os dias a sua partida em casa, com chá, fatias, e modinhas Brasileiras, e a Mãe muito gostosa de ver as meninas tão obsequiadas dos concorrentes. Era hum gosto ver os differentes estafermos, que alli se juntavão; nunca se vio pobreza mais alegre; espera-se, que em poucos mezes saião á luz todas casadas, levando por dote as encantadoras prendas.... Seriam dez horas da noite: criada aos gritos entalada numa fresta do muro do quintal quando tentava passar para o quintal vizinho para ir ter com o namorado. Foi preciso vir um pedreiro deitar abaixo parte do muro para soltá-la... (Outubro, pp. 7-8).

9. Auto-promoção

A exemplo dos outros periódicos da vasta obra de Rodrigues da Costa, o discurso auto-legitimador é uma constante no *Espreitador*¹⁰. Não falta sequer a polémica com intuítos auto-promocionais, na “Resposta a um papel intitulado Contra Ópio ou defeza das mulheres, contra os poemas satíricos de JDRC”, incluída no Folheto de Setembro, e a resposta a cartas de leitores (reais ou fictícias):

“Meu Amigo, trabalhe a inveja como quizer, que lhe não posso chamar outra cousa: hei de escrever, hei de compor, e hei de lucrar, huma vez que o Ceo me pôz nesta ordem de vida para a minha subsistência: não devo desprezar, nem pôr em inacção esta pouca habilidade, que foi servido conferir-me...” (Junho, p. 18).

Uma dessas respostas termina de forma curiosa, com um post-scriptum rematado por um provérbio ainda hoje em uso: “P.S. *Se quer campar de discreto,/ Faça huma obra bem feita;/ Mas olhe que quem torto nasce,/ Tarde, ou nunca se endireita.*” (Agosto, p. 15).

O autor dirige-se ao leitor por mais de uma vez para justificar o tom do periódico:

“Ou estes Folhetos sejam em parte mais jocosos, ou mais sérios, com tudo sempre são mais úteis, que sátiras determinadas, com que alguns Poetas se degolão huns aos outros.... Quem assignala o homem no Mundo por máo, ou por bom, são as virtudes, ou os vícios; e por isso não há tempo mais bem empregado, do que quando se louvão aquellas, e reprehendem estes.” (Maio, p. 21). “A graça, para deleitar, ha de ser natural, e decente; a moral para instruir nunca deve exceder os limites da civilidade, para que não degenerem em sátira.... Que bonita cousa he reprehender-se o vicio com prudencia, e louvar-se a virtude com juizo!” (Novembro, p. 2).

Da campanha auto-promocional faz parte o discurso de despedida, no folheto de Dezembro, que serve para publicitar o periódico seguinte, de modo a angariar as tão necessárias assinaturas:

“Acabou-se a obra, acabou-se o anno, e sinto a paciencia tambem quasi extincta com estas Obras Periodicas. Eu bem vejo que o Público necessita de hum divertimento decente, como este; mas esta curiosidade insensivelmente vai arruinando de todo a minha pouca saude. Porém se os meus benignos Assignantes, que tanto me tem lisongeados, e obrigado com as suas promptas assignaturas, quizerem, apezar do meu incómodo, que eu lhes continue este divertimento, vão pôr com muita pressa outros dez tostões na loja da Gazeta, com os nomes das ruas

¹⁰ Ver Pierre Bourdieu, “Le champ littéraire,” *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 89 (1991): 3-46, http://persee.fr/articleAsPDF/arss_0335-5322_1991_num_89_1_2986/article_arss_0335-5322_1991_num_89_1_2986.pdf?mode=light, último acesso em 13 de Junho de 2013.

em que morão, e os números das suas portas, que sempre lhes darei á luz para o anno, que vem de 1803 Folhetos, que mereção esta quantia em huma Obra periódica, intitulada: *O Barco da Carreira dos Tólos....*” (Dezembro, pp. 16-17).

10. “*Nós somos os ecos uns dos outros*”

Reveste-se de particular interesse a notícia do lançamento de um periódico concorrente: o *Piolho Viajante*¹¹.

“Álerta alerta Senhor Espreitor do Mundo novo: olhe.... que as suas descobertas brevemente serão imitadas por outro Author com mais, ou menos graça: olhe que hum Piolho sagaz lhe vai fazer huma guerra semelhante á que faz na camiza do pobre. Acautele-se, Senhor Espreitor, que estão para sahir á luz huns Folhetos intitulados: *O Piolho Viajante*: de hum Author, a quem V.m. abriu caminho com as suas joviae produções. Tenha em vistas que o tal Piolhinho tem andado ao pasto no seu Almocreve de Petas, no seu Comboy de Mentiras, e nas suas espreitaduras; cuidado, cuidado, que ha quem faça negocio com as suas graças, virando-lhes as guardas. Assim fallou huma visão ao nosso Espreitor em hum sonho, que teve a noite passada. Ao que elle mesmo dormindo diz que respondera: vivamos todos: o Piolho já me não faz guerra, porque eu descanço de espreitar no fim deste anno. Se se aproveita das minhas graças he porque as achou dignas do applauso commum; e faz o mesmo comigo, que eu tenho já feito com outros: elle aproveita muitos dos meus pensamentos, e eu tenho-me aproveitado de muitas lembranças dos nossos antigos: esta he a cadeia do mundo: nós somos os ecos huns dos outros. Se eu me queixasse do Piolhinho, muitos engenhos, que estão já nas sepulturas, também se queixariam de mim, se podessem. A longa serie dos tempos, que tem decorrido, tem feito com que já se não digão cousas novas: o mais a que os Authores avançam he á critica dos costumes da sua época, que pouco, ou muito brincada, vem a dar no mesmo, que já muitos disserão.” (Agosto, pp. 1-2).

11. *Figuras de estilo*

¹¹ Ver António Manuel Policarpo da Silva, *O Piolho Viajante divididas as viagens em mil e uma carapuças*, prefácio, glossário e notas de João da Palma-Ferreira (Lisboa: Estúdios Cor, 1973 [1802-1805]).

Para conseguir diferentes efeitos humorísticos, o *Espreitador* recorre a várias figuras de estilo, de que se destacam algumas incluídas por Robert Escarpit na “dialéctica do humor”, nomeadamente o papel da ironia nascente no paradoxo humorístico¹².

Ironia:

“.... escapou o capitão dos ladrões por huma janella nú em pelle: foi galantissimo correr elle por huma rua naquelle estado em outro Bairro, aonde se encontrou com uma ronda; e porque lhe não pegassem, já de longe hia gritando que lhe acodissem, que o tinham roubado. Então o Escrivão das Armas, chegando-se ao pé d'elle, e ouvindo as lamentações, que o vilhaco fazia, de que huns ladrões alli adiante o tinham despido, encheo-se de ternura, cobrio-o com hum citoyé novo que trazia, e deixou-o ir. Eis-aqui hum bom ladrão, que ainda naquelle estado, se recorda dos atrazados, e no maior conflicto nunca perde de memoria a arte de furtar.” (Maio, p. 10); “.... Nunca se vio em Lisboa serradura mais cara, nem negociantes mais francos na venda.” (Maio, pp. 14-15).

Paralipse:

“Eu não vou criticar vidas alheias,/Sim os ópios do Mundo;/A minha correcção o Mundo ature,/E quem tiver a queixa, que se cure.” (Jan., p. 24); “.... não parecia bem, que elle dissesse, que as Senhoras usavão agora de coroa, e seta na cabeça, porque a tem tão leve, que já não sabem o que lhe hão de pôr, para lhes fazer pezo.... Não havia de certamente lembrar-se de Senhoras, que levão quatro horas a vestir-se em casa, para apparecerem na rua quasi nuas.” (Dezembro, pp. 14-15); “Que diria o mundo, se elle [*Espreitador*] puzesse em público, que houve huma Madama, que estando seu marido nos últimos lances de morte, a chamou, e lhe disse: *Filha, tu ficas viuva, e de mui pouca idade, o que te peço he, que a casares segunda vez, não seja com fulano de tal, porque he homem da minha zanga, e de quem sempre vivi muito escandalizado*. Ao que ella lhe respondeo: *Não, meu filho, morre em paz; não leves esse receio contigo, porque já ha mais de um anno, dei a minha palavra a outro*. Que odios não grangearia este *Espreitador*, se elle puzesse em letra redonda, que quasi todas as Senhoras por fallarem muito, fallão muito mal, e dizem muitos destemperos.” (Dezembro, p. 15-16).

Lítotes: “huma Senhora muito tafula de modas, e de cara (deixe-me-lhe assim dizer, creio que todos entendem) muito formosa....” (Julho, p. 13).

Hipérbole: “cada hum dos Minores he hum General, e hum Conselheiro.” (Fev., p. 3).

¹² Robert Escarpit, *L'Humour* (Paris: PUF, 1994 [1960]), 73-92 e 95-102. Ver também Rui Zink, *O Humor de Bolso de José Vilhena* (Oeiras: Celta Editora, 2001), 39-48.

Contraste:

“Tudo está mudado: no tempo do Mundo Velho havião immensos tocadores de viola, agora aquelles mesmos mudarão para guitarra: de igual modo os ladrões do Mundo Velho exercião a sua maldita occupação com facas; e agora os do Mundo Novo, para fazerem disto moda, só com pistólas he que атаção....” (Maio, p. 10); “Ella era rica, elle pobre: ella pertendia ser querida, elle queria ser respeitado: ella queria governar o que era seu, elle queria ser Senhor do que não tinha: ella era ciosa pela idade, em que o via, elle amava-lhe o interesse, e aborrecia-lhe a pessoa: ella amorosa queria ser tratada, como se fora rapariga, elle bandalho descompunha-a de velha.” (Maio, pp. 13-14).

Metáfora:

“ficando todo aquelle negocio, bem como se ficasse em cima de hum caes de madeira sustido por huma forte estacada, a quem as agoas forão apodrecendo por baixo, que quando menos se esperava, deo consigo na arêa, e ficou tudo a nado.” (Jan, pp. 11-12); “Até se lhe achou hum baú cheio de pistolas, que erão os livros por onde os seus meninos hião de noite estudar a lição fora de casa.” (Maio, pp. 9-10).

Antropomorfização e apóstrofe: “Ora Senhor Terremoto, v.m. a fez, como eu não esperava!” (Junho, p. 9).

Comparação:

“dão, e tirão; levantão e abaixão; riscão, e desriscão; e andão neste conflicto ás apalpadellas como o menino, que joga a cabra-cega; sem verem que a mesma politica pede o segredo das cousas; e que nem o Letrado, nem o Ministro, podem arrasoar nem sentenciar huns autos, sem que por elles sejam bem revistos.” (Fev., p. 3).

Sinestesia: “Tão profundo, e discursivo/ Pintais o incêndio passado,/ (...) Que eu attento, e circumspecto,/ (...) Vi tão perto, o fogo a arder,/ Que assoprei, por entender,/Que se queimava o Soneto.” (Fev., p. 9).

Sarcasmo:

“.... com dois mezes de casado, teve certo encontro, a que não pôde faltar, e tinha a Senhora hum álito tão pestifero, que está cravado de sarna.” (Fev., pp. 20-21). “.... huma Senhora, ou para melhor dizer hum estupor cheio de cor, e alvaiade, já com sessenta annos no bucho, a cara encrespada a ferro, a boca negra, os dentes amarelllos, e toda ella a Bicha de sete cabeças; mas que desgraça! sahe aquelle monstro de dentro, mas de gatinhas, com tanta infelicidade, que cahindo-lhe com o balanço da quéda a cabelleira de canudinhos, que levava, appareceo de calva muito lisa como a palma da mão.... todos arrebutarão com riso daquela lastima; e o que mais divertia o povo, era o brejeiro do boleeiro arremedando-a nas caretas, com tanta propriedade, que tudo se escangalhava com galhofa.” (Março, pp. 15-16).

Enumeração: “o proceder de huma mundana mulher: nas entradas affagos, carícias, disvellos, e sujeições; e depois intrevações, calamidades, medicamentos, dores, e até descomposturas.” (Fev., p. 21).

Aliteração: “.... alli vem tres delambidas, e tão grulhas, que parecem gralhas na fallacia, que se lhes ouve” (Junho, p. 6).

Conclusão

No *Espreitador* há silêncios estrondosos: nem sombra de um remoque à igreja, ao clero ou à Inquisição, nem uma referência – a não ser reverente – ao poder e à ordem vigente. O que ressalta é a crítica da crítica, o estar contra quem está contra. A cautela em não personalizar as suas arremetidas não visa apenas protegê-lo de litígios. Insere-se numa tradição secular que já na Idade Média distinguia o escárnio do maldizer¹³: José Daniel distingue entre a sátira e a repreensão dos vícios – uma “crítica jovial” (Dezembro, p. 17) precursora do humor irónico que faria escola na literatura portuguesa a partir de meados do século XIX¹⁴.

O periódico toma como alvo aqueles que se afastam da norma, os seguidores das modas e os apologistas do novo. Quando especifica “he a moda em França” (Junho, p. 32), o que pretende atacar é o potencial apelativo das ideias provenientes de além-Pirinéus, num contexto em que, não obstante a Revolução já ter “terminado” com o golpe de 18 do Brumário, o primeiro cônsul Bonaparte estava em vias de tornar-se o imperador Napoleão - e de incendiar o Mundo Velho. A crítica de costumes e das modas no *Espreitador* visa a novidade pela novidade, mas não só: serve o propósito de perpetuar o *statu quo*. Ridiculariza o Mundo Novo e promove uma visão idealizada do Velho. O “senhor Terramoto” é responsabilizado pela nova desordem de costumes, de hierarquias de um novo e perturbador relacionamento entre patrões e empregados, mestres e aprendizes, marido e mulher, pais e filhos.

Crítica de forma veemente, mordaz, jocosa a ambição de subir na vida - quem fura a barreira do estatuto social é ridicularizado sem contemplações: o caixeiro que se atreve a andar de cavalo de sela em vez de burro de albarda, as vizinhas que passam a tratar-se por donas... O preconceito de género alia-se ao preconceito etário e a misoginia torna-se cruel na descrição implacável das velhas que querem parecer mais novas e das

¹³ Palma-Ferreira, prefácio a *O Almocreve*, 29.

¹⁴ Palma-Ferreira, prefácio, 31-35.

que ousam casar com homens mais novos. Aí é constante a tirada moralista com laivos de fatalismo - casamentos desiguais votados ao fracasso, muitas vezes à tragédia e ao crime (o marido de vinte anos que tenta envenenar a mulher septuagenária...).

Assinalem-se, porém, duas exceções ao conservadorismo generalizado: a denúncia do racismo e do “divertimento bárbaro” dos touros. Em duas ocasiões – na tourada e na ópera – critica a desumanidade da “alma danada” que se diverte com a morte de um negro pela investida do touro (e que ao mesmo tempo “teve dó” de matarem o touro à espada) e a celeuma gerada na sala de espectáculo pela chegada de uma senhora que levou para o camarote “uma mulata e uma pretinha”, a quem tratava como se fossem da família.

Além de veicular conteúdos destinados a obter vantagens pessoais para o autor – lembre-se o constante discurso de auto-legitimação e de auto-promoção e o elogio de Pina Manique, irmão do protector de José Daniel, no episódio dos cigarros que conclui com a referência laudatória à iluminação pública, obra do intendente - o humor do *Espreitador* é conservador e conformista do ponto de vista político¹⁵ e social¹⁶.

BIBLIOGRAFIA

- Alves, José Augusto dos Santos. *O Poder da Comunicação*. Lisboa: Casa das Letras, 2005.
- Baptista, Abel Barros. *Ensaaios Facetos*. Lisboa: Edições Cotovia, 2004.
- Bergson, Henri. *O Riso*. Lisboa: Relógio D’Água, 1991 (1900).
- Bourdieu, Pierre. “Le champ littéraire”. *Actes da la Recherche en Sciences Sociales* 89 (1991): 3-46, http://persee.fr/articleAsPDF/arss_0335-5322_1991_num_89_1_2986/article_arss_0335-5322_1991_num_89_1_2986.pdf?mode=light, último acesso em 13 de Junho de 2013.
- Cave, Christophe. “Le rire des anti-philosophes.” *Dix-Huitième Siècle (Le Rire)*, 32 (2000): 227-239.

¹⁵ “.... amor ao Throno, submissão ás leis, e respeito aos Magistrados; perdida esta ordem, temos o Mundo reduzido á confusão de Babel.” (Maio, p. 4).

¹⁶ “os homens velhacos, quasi sempre vivem pobres, que assim lho permite a Providencia, para venderem baratos os seus delictos” (*Ibidem*).

Costa, José Daniel Rodrigues da. *O Espreitor do Mundo Novo. Obra Critica, Moral e Divertida*. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1802 (Segunda Edição 1819, Na Officina de J.F.M. de Campos).

- *O Almocreve de Petas e outras prosas*. Prefácio, leitura de texto e notas de João Palma-Ferreira. Lisboa: Estúdios Cor, 1974.

Deligne, Alain. "De que maneira o riso pode ser considerado subversivo?" in *Imprensa, Humor e Caricatura*, organizado por Isabel Lustosa, 29-46. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

Escarpit, Robert. *L'Humour*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994 (1960).

Ferreira, Maria Isabel Lopes. "José Daniel Rodrigues da Costa (1755/56-1832). Um autor ao serviço da 'educação dos povos'". Dissertação de Mestrado em Estudos Românicos, Departamento de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011.

Freud, Sigmund. *Le Mot d'Esprit et sa Relation à l'Inconscient*. Paris: Gallimard, 2005 (1905).

Habermas, Jürgen. *The structural transformation of the public sphere*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1993 (1962)
http://pages.uoregon.edu/koopman/courses_readings/phil123-net/publicness/habermas_structural_trans_pub_sphere.pdf, último acesso em 11 de Junho de 2013.

Le Goff, Jacques. "Une Enquête sur le Rire." *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 52/ 3 (1997): 449-455.

Palmeri, Frank. "Narrative Satire in the Nineteenth Century." In *A Companion to Satire Ancient and Modern*, edited by Ruben Quintero, 361-376. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

Pinharanda, João, Santos, José Manuel dos, Silva, Nuno Artur e Crespo, Nuno, "Riso: modos de usar", in *Riso*, coordenado por Nuno Crespo, Catálogo da Exposição realizada no Museu da Electricidade entre 19 de Outubro de 2012 e 17 de Março de 2013, 21-41. Lisboa: Tinta da China, 2012.

Possenti, Sírío. *Os Humores da Língua*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

Silva, António Manuel Policarpo da. *O Piolho Viajante divididas as viagens em mil e uma carapuças*. Prefácio, glossário e notas de João da Palma-Ferreira. Lisboa: Estúdios Cor, 1973 (1802-1805).

Townsend, Mary Lee. "Humour and the Public Sphere in Nineteenth-Century Germany." In *A Cultural History of Humour*, edited by Jan Bremmer and Herman Roodenburg, 200-221. Cambridge: Polity Press, 1997.

Zink, Rui. *O Humor de Bolso de José Vilhena*. Oeiras: Celta Editora, 2001.